PROVOCAÇÕES ÀS INTERSCEÇÕES ENTRE A SOCIOLINGÜÍSTICA E A
ÉTICA DO DISCURSO DE KARL-OTTO APEL

Rogério Santos dos Prazeres¹

RESUMO: O texto de Régine Robin nos esclarece que a pretensão de buscar a especificação do objeto da sociolinguística não é o mais importante. Entretanto, convém pertinentemente tratar da retomada metodológica crítica ou o uso da metodologia crítica relacionada à sociolinguística. Justamente pelo desencadeamento das reflexões que ela, a sociolinguística, provoca. Numa análise alinhada com às observações teóricas da escola culturalista, acerca das possibilidades entre cultura e linguagem, Robin expõe em seu texto as dificuldades que problematizam o estudo da sociolinguística enquanto estudo científico da linguagem. No presente trabalho, a intenção é contextualizar a perspectiva de sociolinguística primada na publicação de Robin, que é da década de setenta. Contudo, nota-se que questionamentos perpetrados por ela à época permanecem pertinentes hodierno. Sobremodo, situaremos a discussão conservando autores que ela mesma cita em seu texto. A título de evidenciarmos as aporias denunciadas à época. Coerentemente, apontaremos a possibilidade de convergência com a Ética do Discurso de Karl-Otto Apel, uma abordagem atual da linguagem na filosofia. Isso, no sentido de propormos uma investigação mais apurada para saber das consequências de um possível aporte teórico à sociolinguística. Inclusive visando-se possíveis conexões do conhecimento sociolinguístico também discutível na filosofia.

O presente trabalho contextualiza a intenção de aproximar ética e linguagem na perspectiva da sociolinguística, primando-se pela publicação de Régine Robin que é da década de setenta. Contudo, nota-se que questionamentos perpetrados por ela à época ainda permanecem pertinentes hodierno. Sobremodo, situaremos a discussão conservando autores que ela mesma cita. A intenção é evidenciar as aporias que foram denunciadas pela autora.

Régine Robin, pioneira da Análise do Discurso,² distingue-se

¹ Mestrando em Filosofia (UnB), Licenciado em Letras (UCDB). E-mail: pleinementperdu@yahoo.fr

² Leia-se PORTO, Maria Bernadette Velloso. **Régine Robin e Sophie Calle**: passagens, conexões e mediações. Interfaces Brasil/Canadá: Vol. 10, nº 1 e 2 (2010).

como referência importante ao se confrontar história e linguística. Ela enfatiza a adesão às opções da escola culturalista. E a própria postura de estar aberta à diversidade de abordagens, bem como o entrecruzamento entre sociedade e discurso, corrobora investigações em diversos ângulos e confluências. Sobre um possível contributo à sociolinguística, no caso de aceite das interseções, que se circunscrevam, indissociavelmente, as reflexões sobre princípios éticos que norteiam valores sociopráticos, adjuntos como crivos preponderantes, nos círculos de estudos sociolinguísticos.

O principal objetivo em resgatar o texto *A Sociolinguística*,³ de Robin, é afirmar a eticidade como pressuposto intrínseco da interação propiciado pela linguagem. Por isso, entende-se que investigar laços entre a sociolinguística e a ética do discurso de Karl-Otto Apel denotariam pontos em comum e revelariam desdobramentos em investigações que, com razões insubordináveis, pretendam refletir e explicitar fatos sociais. Ademais, com inferência no cotejamento de proposições que proporcionariam a acareação de ações com autocrítica e devida relevância consensual.

Este filósofo é conhecido como fundador desta teoria ao lado de Jürgen Habermas, diferenciando-se pelas escolhas da pragmática transcendental. Uma vez que só pela linguagem que o mundo se torna significativo, o cerne da abordagem apeleana está no reconhecimento de que o problema da linguagem é, especificamente, o problema da fundamentação dialógica do conhecimento e das justificativas racionais para as ações humanas.

Apel é membro da terceira geração da Escola de Frankfurt. Pensador original, ele propõe uma transformação da filosofia contemporânea, tendo-se o paradigma da intersubjetividade como mar-

³ ROBIN, Régine. *A Sociolinguística*. In: *História e Linguística*. Trad. Adélia Bolle. São Paulo: Cultrix, 1977, p. 51-60.

co. Sua proposta se apresenta face à reviravolta-linguística na filosofia, em que a filosofia contemporânea é mais propriamente o estudo do conhecimento da linguagem. Em Apel, o conhecimento surge como hermeneuticamente constituído na interação social. Assim, os trabalhos apelianos estão voltados para o estudo do *logos* linguístico, bem como para as formas de compreender a linguagem e a ética.

Dada a aproximação entre sociolinguística e ética do discurso,⁴ Apel situa-se como aporte importante para pensar os significados sociais, pois as condições que possibilitam a linguagem são as mesmas que possibilitam tanto socialização quanto a variação linguística. Portanto, a exigência de pensar intersecções entre a ética do discurso e a sociolinguística torna-se demonstrável pela convergência da prática de pensar as condutas sociais humanas com as justificativas dos critérios éticos para validar argumentos. E isso, acerca do faz ou não faz sentido, comunitariamente, baseando-se em princípios inalienáveis.

Como Robin expõe dificuldades que problematizam o estudo da sociolinguística, enquanto estudo científico da linguagem, a coerência em discutir a ética de Apel é pensável porque o aprofundamento de discussões sociolinguísticas tende às discussões no campo da ética. Por esta razão, propõe-se uma investigação para saber das consequências de um possível subsídio teórico à sociolinguística. Inclusive, visando-se possíveis conexões do conhecimento sociolinguístico também discutível na filosofia.

A esse respeito, Robin alerta que especificar o objeto da socio-

⁴ Para um estudo que esclarece a proposta ético-discursiva de Apel e a relação com a sociolinguística veja-se APEL, Karl-Otto. **Transformação da filosofia II**. O a priori da comunidade de Comunicação. São Paulo: Loyola, 2000b, p. 220; e também HANK, Michel. **Ética do Discurso e Análise do Discurso**. Uma relação de complementariedade ou de mútua exclusão? In: HERRERO, Javier Francisco; NIQUET, Marcel. **Ética do Discurso**. Novos desenvolvimentos e aplicações. Belo Horizonte: H&M Editores/FAFICH-UFMG, 2005, p. 323-35.

linguística não é a tarefa mais importante a ser levada adiante por um linguista. Para ela, antes vale retomar a metodologia crítica da sociolinguística e seus usos possíveis. Trata-se então de efetivar as reflexões provocadas pela sociolinguística, implicadas nas possibilidades entre cultura e linguagem.

Pois bem, inicialmente Robin apresenta-se concordante com Sapir, por serem o sistema referencial e o sistema expressivo da língua diretamente proporcionais. Sabendo-se bem que Sapir deu especial atenção ao sistema expressivo, cujo contexto sociocultural está entrelaçado de maneira complexa com a linguagem, a autora nos leva a refletir as possibilidades e condições desse entrelaçamento. Entrelaçamento que traz como consequência a diversificação de mediações que nos obrigam a analisar discursos, por exemplo, sobre costumes, organizações contemporâneas, instituições políticas e atos, dentro de condições históricas, e, em situações concretas, no campo da sociolinguística.

Com base em Sapir, Robin esclarece que a diferenciação a ser feita é que o sistema referencial leva em conta o domínio da linguística da língua, já o sistema expressivo “compreende todas as manifestações ligadas à linguagem.” (ROBIN, 1977). Sem dúvidas, de acordo com Robin, aí o objeto da sociolinguística é o aspecto do comportamento. Concerne dizer o mesmo da ética, sem o qual nada se poderia dizer de um princípio moral, em Apel. Logo, para ambos, o objeto em questão se mostra necessariamente incontornável e insubstituível.

Robin, porém, leva em conta a advertência, da parte de Sapir, de que é preciso evitar a tendência de se estabelecer simples homologia entre cultura e linguagem, de modo que isto seja inaceitável. É preciso ater-se que há condições histórico-sociais em que elas sur-

gem. Além do mais, a autora alerta que as mudanças na cultura e na língua não acontecem em ritmo semelhante, ou seja, a relação causal que as une deve ser deixada de lado, um pormenor. Sem embargo, a busca pelas causas da união entre elas assegura apenas a descrição e a explicação de uma origem, afastando-nos das possibilidades hermenêutico-dialéticas que convém às ciências da linguagem, ante a uma conjuntura a ser investigada.

Ora, a preocupação de Robin não é outra senão a assimilação da cultura no sentido mais largo do termo. Neste ínterim, ela distingue uma característica importante da etnolinguística a ser considerada. Se por um lado Robin orienta que as relações a se estabelecer entre cultura e linguagem não sejam o eixo de pesquisa para os sociolinguístas, de outro, ela esclarece que a etnolinguística se constitui como estudo da mensagem linguística. Tendo-se inerentes às circunstâncias que determinaram a prática comunicativa. O que exige envolvimento, colocando-se um sociolinguista como sujeito moral *in loco*. Do contrário, sociolinguístas atuam como observadores, sem responsabilidades e sem superarem a descrição e prescrição de comportamentos ou práticas comunicativas.

Interessante é notar que a preocupação da autora tem como pano de fundo não considerar a língua como mero código, porquanto não há razão para se desprezar os produtos da língua, sejam orais ou escritos, e o enlace entre língua e elementos paralinguísticos, que podem ser determinantes para o método sociolinguístico.

Robin nos expõe, assim, dois conjuntos que caracterizam o problema em questão: 1) língua, como mensagem linguística; e 2) cultura, que segundo ela é vago de abordar. Mas, mesmo que estejamos exclusivamente interessados nas formas de relacionamento comunicativo, não há como suprimir o segundo conjunto da sociolin-

guística. De fato, “o ideal da sociologia objetiva não é compartilhado universalmente e sempre houve tentativas de uma ancoragem ética da comunicação”.⁵ Recentemente, conforme Hanke, é que a ética passou a fazer parte da agenda das ciências comunicativas, só após isso, abriu-se um leque de contínua cooperação interdisciplinar entre pesquisadores e o trânsito entre as áreas do saber.

Sobre isso, a autora insiste que para entendermos a sociolinguística é preciso reformular proposições que estão na base, acesando-se referências que se encontram em Sapir, Whorf e, antes deles, Humboldt ou Cassirer (Cf. ROBIN, 1977). Não se pode refutar que a cultura está tanto na língua como a língua está na cultura. Indivisíveis, não se pode dividi-las em mundo objetivo e em mundo das atividades sociais.

A separação é uma postura errônea, segundo Robin. Adaptarmos-nos à realidade sem o intermédio da língua não é possível. Isso seria então considerá-la meio acessório para solucionar problemas de comunicação ou reflexão, de sorte que admitiríamos um relacionamento entre cultura e linguagem por si só insuficiente. Cultura e linguagem estão “estritamente enredadas”, “moldadas juntas”, e como tal devem ser abordadas.

Ao trazer à tona B. Pottier, para quem “a Etnolinguística ou Sociolinguística é um estudo de relações, um relacionamento; e vagas propostas quanto à natureza do conjunto correligado com a mensagem linguística” (B. POTIER *apud* ROBIN), ela afirma que o conceito é global, ou disperso. Global por se ter a cultura em sentido largo; ou disperso, em vista de todas as circunstâncias possíveis de comunicação. Com efeito, sem “relacionamentos”, a sociolinguística não seria mais do que uma ciência administrativa auxiliar. *Status* recusável,

⁵ HANKE, Michel. *Op. Cit*, p. 323.

pela importância atual que a sociolinguística possui no campo da linguagem.

Em Robin, a explicitação de que um dos fundadores da sociolinguística nos Estados Unidos, J. Fischman, oscilando entre o nome sociolinguística e sociologia da linguagem, revela o caráter embrionário desta ciência. E mais, a ponto de Fischman solicitar que linguistas não operem abordagens ingênuas dos fatos sociais. Isso nos indica que não deve haver cerceamento, do que é próprio das ciências da linguagem e o que é próprio das ciências sociais, mas cooperação e complementariedade.

J.-B Marcellesi, de outro horizonte pretende ser mais específico. Para ele, é claro que “a sociolinguística tem por objetivo colocar em evidência o caráter sistemático da covariação das estruturas linguísticas e sociais, e eventualmente estabelecer uma relação de causa e efeito” (MARCELLESI *apud* ROBIN). Robin adjetiva o esforço de Marcellese de excessivo. Para ela, o que ele visa é uma definição conceitual e, no intuito, limita atividade sociolinguística ao especificar um campo de pesquisa. Em outras palavras, ele opera um reducionismo ao estatuir conceitos. Ao oferecer uma definição de sociolinguística, ele a aproxima do empirismo, contraindo dificuldades que retomam revisões teóricas e particularizam a atividade sociolinguística.

Longe de ser a sociolinguística um saber determinado e restrito à área da linguagem, Robin opõe-se à redução, e nos mostra que a sociolinguística escapa da interpretação de ser um conhecimento fácil de conceituar. Nem mesmo pode-se determinar a esta ciência um foco que lhe atribua assuntos correspondentes à variação da linguagem, ensino e práticas linguísticas socioculturais com exclusividade. Sem dúvidas, não interessa a restrição e o domínio de informa-

ções. Nem mesmo a imposição de satisfazer o trato de minuciosidades, nos mais diferentes campos do saber científico.

Ao contrário, as possibilidades de abordagens sociolinguísticas são tão diversas quanto amplas. Um saber que não se reduz à fragmentação e a paralelização de assuntos divididos tem mesmo que discutir a ocorrência de problemas éticos, sejam eles de ordem econômica, política, e tecnológica, ou, sejam das esferas do direito e do campo das relações internacionais. Seja como for, a diversidade de interações em campos diferentes de atuação e pesquisa ampliam a compreensão de variação linguística e hermenêutica, situadas como problemas da socialização humana e que não ocorrem sem linguagem.

Abertamente, Robin comenta uma armadilha que ela chama de “análise interna”. Trata-se de interpretar e analisar sem sair do terreno linguístico. A formação social nessa armadilha é considerada apenas para determinar as condições de produção do texto, e enfim, dissertar sobre a linguagem. Isso significa, para a autora, a separação entre Linguística e Sociologia, ou Linguística e História, pondo-se paralelas estas ciências.

Contra a separação, Robin endossa a afirmação de J. Sumpf: “o sentido da Sociolinguística é o acesso radicalmente intralinguístico às imediações da vida social” (J. SUMPFF *apud* ROBIN). Sem objeções, L. Guespin, de acordo com Robin, discorda de se negar a investida sobre os discursos e evitar os significados ideológicos, ou seja, considerando-se que estes estão fora do campo da linguística. Se entendêssemos assim, para L. Guespin, “seria necessário admitir de uma vez por todas que a análise do discurso é impossível” (*Idem*). Com L. Guespin, Robin confirma que não só a Análise do Discurso pode extrair conclusões de uma função discursiva, como pode identificar i-

deologias numa função social. E mais, recorrendo-se à história pode colaborar na desmistificação de efeitos que, impreterivelmente, alie-nam e obscurecem o fenômeno da linguagem.

Fontana é lembrado por Robin como aquele “que procura mé-todos capazes de abordar um *corpus* histórico” (ROBIN, *Op. Cit*). A autora destaca que as condições de produção do discurso estão vin-culadas à formação social, distinguindo que “o próprio discurso é a chave de sua inteligibilidade” (*ibidem*). Aqui se faz necessário ressal-tar que essa concepção de discurso vai ao encontro da de Apel, na qual a linguagem é o *telos* do entendimento, haja vista que nos dis-cursos encontram-se as pretensões de sentido.

A problemática fundante no texto de Robin, identificada como prejudicial, está em cair e querer permanecer na armadilha da análi-se interna. A postura da linguista se mostra contra a lógica das análi-ses estruturais em geral, de causalidade homológica e destituídas de hierarquia. Este é motivo pelo qual ela critica a falta de aporte teóri-co. Uma crítica à inadmissão de se mudar de terreno, pulverizando-se análises para as mais diversas direções. A propósito, ela está certa de que a autonomia do nível discursivo é ambígua e que as conclusões teóricas podem ser muito diferentes sem um aporte.

Vale acrescentar que, mesmo opositora da análise interna, ela defende que, com seu trabalho, não há interesse em desvalorizar as análises linguísticas ou acusar os linguistas de cumprir função ideoló-gica. Segundo a autora, o importante é que as análises estruturais possuem o mérito da expor o mecanismo de funcionamento dos dis-cursos, porém sem nunca revelarem o envolvimento dos linguistas no processo. Alinhada com Kristeva, ela denuncia, do mesmo modo, o risco de rompimento das análises internas com os sistemas signifi-cantes (*Apud* Robin). Isso em vista de que, para ela, a consideração

da história e a consideração de um sujeito, elementos que elucidam e avaliam a produção e transformações de análises internas ou externas, não devem ser deixados para depois.

Resta dizer, por fim, da possibilidade da ética do discurso subsidiar a sociolinguística. A ideia mesma de tecer configurações entre linguagem e ética não é nenhuma novidade. O que se coloca em questão são as consequências dos discursos produzidos, nas esferas dos interesses privados, sem que se pensem nos problemas que decorram da interdependência da produção discursiva com uma sociedade. Pospondo-se os interesses públicos aos privados. Sem que se assumam a responsabilidade pelos efeitos da produção discursiva e os atos destinados a uma esfera pública.

O que está em jogo no panorama em que se encontram a linguagem e a ética frente aos linguistas contemporâneos é a garantia da efetividade social do compromisso que se produz com um discurso, em que a produção discursiva seja justificada por razões e sentidos dialógicos. Tornando aqueles que se envolvem responsáveis e publicamente comprometidos. Não pela força, pelos recursos financeiros, demagogia, indiferença e arbítrio, mas pelo *ethos* da linguagem humana.

A caminhada rumo a uma proposta ética que exige a responsabilidade histórica pela produção discursiva explícita que a situação em que os linguistas não encontram o escape da análise interna é semelhante a que Apel identifica como solipsismo metódico. Para evitar armadilhas, os linguistas devem desbravar para abarcarem caminhos opostos ao behaviorismo linguístico e primarem pelo envolvimento comunitário declarado. Atinentes às necessidades e aos discursos transculturais e interdisciplinares, afins de um problema que convém e conclama a expressividade da postura sociolinguística.

REFERÊNCIAS

APEL, Karl-Otto. **Transformação da Filosofia II: O a priori da comunidade de Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2000.

HANK, Michel. **Ética do Discurso e Análise do Discurso**. Uma relação de complementariedade ou de mútua exclusão? *In*: HERRERO, Javier Francisco; NIQUET, Marcel. **Ética do Discurso**. Novos desenvolvimentos e aplicações. Belo Horizonte: H&M Editores/FAFICH-UFMG, 2005.

PORTO, Maria Bernadette Velloso. **Régine Robin e Sophie Calle: passagens, conexões e mediações**. Interfaces Brasil/Canadá: Vol. 10, nº 1 e 2 (2010).

ROBIN, Régine. **A Sociolinguística**. *In*: **História e Linguística**. Trad. Adélia Bolle. São Paulo: Cultrix, 1977.

Recebido em 27/06/2016

Aceito em 20/03/2017